



INSTITUTO  
DE  
ARQUEOLOGIA  
FAC. DE LETRAS - COIMBRA  
PALÁCIO SUB-RIPAS

aniversário  
1954 • 2004

# CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLV - 2006

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CRISTINA DE OLIVEIRA

*Museu Monográfico de Conimbriga; Missão Luso-francesa “Mosaicos do Sul de Portugal”*

MOSAICOS ROMANOS: BALANÇO DE UMA DÉCADA DE INVESTIGAÇÃO EM PORTUGAL (1995-2005)

“Conimbriga” XLV (2006) p. 275-299

RESUMO: A preparação do X Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIEMA) que decorreu em Conimbriga, Ansião e Coimbra, de 29 de Outubro a 3 de Novembro 2005, estimulou os investigadores nacionais a divulgarem os seus projectos em curso ou já concluídos e essa realidade veio mostrar que a síntese redigida em 1986 por J. M. Bairrão Oleiro carecia de actualização. Novos achados e novos projectos – cuja divulgação se mantém ainda dispersa por revistas científicas (mas generalistas), por actas de reuniões científicas ou ainda ‘encerrada’ em manuscritos de dissertações universitárias – inspiravam um balanço. Se é verdade que muitos deles vêm apenas completar um inventário, outros porém trazem novas perspectivas para a investigação futura. São alguns aspectos de novas problemáticas e novas metodologias que pretendo deixar nestas linhas, esperando que elas possam continuar a estimular o estudo do mosaico, não como mera obra de arte, mas como estrutura arqueológica que é necessário explorar nas suas diversas vertentes e assumir como importante contributo para a compreensão da presença romana no nosso território.

RÉSUMÉ: La préparation du X Colloque International de l’Association Internationale pour l’Étude de la Mosaïque Antique (AIEMA) qui s’est tenue à Conimbriga, Ansião et Coimbra, du 29 octobre au 3 novembre 2005, a encouragé les chercheurs du Portugal à divulguer leurs projets en cours ou déjà conclus et cette réalité est venue montrer que la synthèse rédigée en 1986 par J. M. Bairrão Oleiro réclamait une mise à jour. De nouvelles découvertes et de nouveaux projets – dont la divulgation se trouve dispersée dans des revues scientifiques (mais généralistes), dans des actes de réunions scientifiques ou close dans des manuscrits

de mémoires universitaires – inspiraient un bilan. S’il est vrai que beaucoup d’entre eux viennent à peine compléter un inventaire, d’autres néanmoins apportent de nouvelles perspectives de recherche dans l’avenir. Ceux sont quelques aspects des nouvelles problématiques et des nouvelles méthodologies que je désire laisser dans ces lignes, en espérant qu’elles puissent continuer à encourager l’étude de la mosaïque, non pas comme une simple œuvre d’art, mais comme une structure archéologique qu’il est nécessaire d’exploiter dans les différents versants et de prendre en compte comme un élément important pour la compréhension de la présence romaine dans notre territoire.

PALAVRAS-CHAVE: mosaico – investigação – Portugal

## MOSAICOS ROMANOS: BALANÇO DE UMA DÉCADA DE INVESTIGAÇÃO EM PORTUGAL (1995-2005)

As comemorações do cinquentenário do Instituto de Arqueologia, a que a revista *Conimbriga* veio dar corpo, não ficariam completas sem a referência à investigação numa área em que tanto trabalhou, e para a qual de sobremaneira contribui, o Professor J. M. Bairrão Oleiro: a temática dos mosaicos romanos. É da sua autoria o primeiro volume do *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal*, dedicado à Casa dos Repuxos de Conimbriga, que inaugurava então (1992) um importante projecto nacional de inventário, registo e estudo de todos os mosaicos romanos de Portugal. A abordagem aos mosaicos, integrados na arquitectura e aferidos com base em critérios arqueológicos em boa parte deles, fez deste estudo uma obra de referência não só nacional como internacional, ultrapassando os muitos *corpora* publicados até à data noutros países e, nessa medida, constitui um ponto de viragem na investigação em Portugal.

Escolhi a faixa cronológica de 1995-2005 por ser a mais significativa em novos achados e novos projectos, alguns deles iniciados anteriormente, mas apenas divulgados durante este período. Pessoalmente, é também um período muito significativo porque corresponde à minha experiência nesta área que principiou com a participação nos trabalhos da Missão Luso-Francesa *Mosaicos do Sul de Portugal*, nessa época, terminando o volume do *Corpus* sobre a *villa* de Torre de Palma. A realização do X Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo – AIEMA – (Conimbriga, Ansião e Coimbra, de 29 de Outubro a 3 de Novembro de 2005) veio recentemente coroar esta década. Com efeito, quer em 2003, com a realização da reunião preparatória no Museu de Conimbriga, quer em 2005, com o colóquio, novos investigadores surgiram nesta área e novos projectos se

revelaram em curso. Das quatro contribuições portuguesas no último colóquio da AIEMA (Roma, 2001), passámos a dezoito nesta edição, realidade que não deve ser ignorada numa área com pouca tradição científica em Portugal. Foi, portanto, numa perspectiva de recapitulação e não de interpretações finais de sítios ainda em fase de estudo, aproveitando também a oportunidade que me foi dada de poder escrever sobre mosaicos romanos numa revista cuja divulgação ultrapassa fronteiras, que redigi estas linhas.

Mais do que hierarquizar os locais pela dimensão dos seus projectos, procurei distinguir os estudos, já concluídos ou ainda em curso, em dois grupos: num primeiro, os locais registados há longa data e hoje objecto de novas abordagens e, num segundo, as descobertas realizadas nos últimos anos que vieram completar o inventário de J. M. Bairrão Oleiro (1986, p. 112-113). Considerarei ainda oportuno discutir num terceiro ponto algumas questões de metodologia, importantes no futuro da investigação.

## 1. Projectos em sítios arqueológicos conhecidos

Conimbriga possui o maior conjunto de pavimentos em *opus tessellatum* encontrados num sítio arqueológico em Portugal: 62 pavimentos em estados de conservação diferentes, descobertos entre finais do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX, e mais de 80 fragmentos em reserva, provenientes das escavações da segunda metade do séc. XX, em particular, da Missão Luso-Francesa nas Termas do Sul (1964-1971). É, pois, natural que muita atenção os mosaicos tenham despertado nos investigadores nacionais e estrangeiros, porém citados a retalho na sua maioria. Apenas a Casa dos Repuxos mereceu até hoje uma publicação exaustiva dos seus mosaicos no âmbito do *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal* (CMRP, I, 1). Exaustiva no que se refere ao registo e descrição, mas não definitiva no que se refere à interpretação. Com efeito, nalguns pontos da leitura interpretada dos temas iconográficos, da arquitectura e, sobretudo, da cronologia, I. Morand veio recentemente revelar novas perspectivas (2005<sup>1</sup>). A autora revê não só

---

<sup>1</sup> I. Morand retoma e desenvolve as ideias que publicou em 1993: “A propos de la maison des jets d’eaux (Conímbriga-Portugal). Architecture et mosaïque”, *Revue des Études Anciennes*, t. 98, n.º 1-2, 1996, p. 207-222. Nessa ocasião, J. M. Bairrão Oleiro

o projecto arquitectónico da casa atribuindo uma cronologia flávia à segunda fase de construção (*contra* Alarcão e Correia *in* Apêndice *CMRP*, I, 1, p. 154; Correia, 2003, p.121-122; Correia, 2004, p. 55: primeira metade do séc. II) e salientando a sua conotação simbólica. Por outro lado, apresenta uma nova proposta cronológica para os pavimentos de mosaico, situada no séc. IV, refutando aquelas que J. M. Bairrão Oleiro propusera para três diferentes fases (cf. *CMRP*, I, 1, p. 168-170: *grosso modo* entre a segunda metade do séc. II e o séc. III). A *Maison des jets d'eau* de I. Morand é ilustrativa da recorrente discussão sobre a trilogia arquitectura/arqueologia/mosaicos (cf. *infra* ponto 3), não me parecendo suficientemente fundamentada para pôr em causa a obra de J. M. Bairrão Oleiro por diversas razões. Os três argumentos para justificar a datação flávia da segunda fase de construção não são arqueologicamente comprovados: a proximidade com a planta da Casa de Cantaber (com cronologia flávia atribuída por V. H. Correia) não é suficiente para imputar igual data; a datação das ânforas no viveiro em redor do *triclinium*, único argumento objectivamente datante, não é questionável pois coaduna-se perfeitamente com a realidade encontrada noutros contextos da cidade – as ânforas Haltern 70 são muito bem conhecidas até aos primeiros anos do séc. II (*Fouilles*, IV, p. 79) e as Dressel 20, praticamente inexistentes em Conimbriga, são produzidas entre o séc. I e o séc. III, crescendo-se o facto de poder tratar-se de reutilizações posteriores; finalmente, o argumento da renovação urbanística da cidade, cujos edifícios públicos ostentam o mesmo rigor e espírito arquitectónico, vem no mesmo sentido do seu raciocínio anterior de datação por comparação de plantas (cf. Morand, 2005, p. 20-25). Não valorizou os dados arqueológicos obtidos nas sondagens recentes que justificaram as cronologias propostas por A. Alarcão e V. H. Correia, em particular, os materiais do entulho depositado para elevar a segunda construção, entre os quais os numismas de Adriano soterrados em A11 (*CMRP*, I, 1, p. 148-149). I. Morand reduz injustamente os argumentos dos autores portugueses: *le choix de cette datation semble surtout provenir du désir de ne pas trop éloigner la date de sa construction, de celle qui a été attribuée à la majeure partie du décor mosaïque, à savoir l'époque sévérienne* (sic) (2005, p. 20). Em segundo lugar,

---

teve oportunidade de refutar algumas das críticas que lhe eram dirigidas e esclarecer alguns pontos da obra numa carta cujo conteúdo não chegou porém a publicar (arquivo do Museu Monográfico de Conimbriga).

a autora retoma a ideia de uma muralha baixo-imperial “simbólica”, argumento que sustenta a continuidade da ocupação da casa até ao séc. IV e a execução do programa musivo, deduzindo o mesmo para as duas residências da zona B (cf. Morand, 2005, p. 26-28). Ora, sabemos que estas duas casas perderam completamente a sua entrada principal e que esta área se transforma em necrópole nos anos imediatos à construção da muralha. Uma moeda de *Tetricus* (270-273) data os últimos trabalhos de remodelação da Casa dos Esqueletos e os materiais da lixeira da Casa da Suástica não atingem o séc. IV (*Roteiro*, 1992, p. 8; Correia, 2004, p. 54). Surpreende que I. Morand tenha ignorado estes dados arqueológicos que confirmam uma datação da muralha entre os finais do séc. III e o séc. IV (cf. ainda *CMRP*, I, 1, p. 26). As escavações de A. De Man, em 2005, no sector da muralha que se sobrepõe à base do anfiteatro, demolido para o efeito, confirmam esta cronologia<sup>2</sup>. O mesmo acontece com a Casa dos Repuxos, cuja ocupação tardia não é rejeitada no *Corpus*, uma vez que os materiais tardios existem de facto (séc. IV-V), mas em número muito inferior aos do séc. I, II e III, e são provenientes de zonas de restauro ou áreas de destruição na parte este da casa (*CMRP*, I, 1, p. 146). Este, aliás, o único argumento de I. Morand para datar os mosaicos do séc. IV (2005, p. 27). Além das razões arqueológicas, não parece sensato um investimento em mosaicos com este nível de execução fora das muralhas e, sobretudo, numa época em que a aristocracia abandona as cidades e se instala nas suas *villae* onde, aí sim, ordenam obras de remodelação e amplos programas decorativos. A muralha é, de facto, um *terminus post quem* para o abandono das casas extra-muros (cf. Correia, 2004, p. 54-55) e o raciocínio inverso de I. Morand não parece aceitável (cf. 2005, p. 27). Em terceiro lugar, o desfazamento cronológico entre o programa arquitectónico – segunda metade do séc. I – e a execução dos mosaicos – séc. IV – não constitui problema para I. Morand (2005, p. 113-117). O programa arquitectónico e a funcionalidade dos diversos espaços condicionou o projecto decorativo que, no entanto, se integrou perfeitamente revelando um bom conhecimento da planta pré-existente da casa. A autora considera que os mosaicos foram executados no âmbito de um mesmo projecto, por uma mesma oficina

---

<sup>2</sup> Agradeço a Adriaan De Man ter-me facultado o texto da sua comunicação “A muralha tardia de Conimbriga” apresentada ao Congresso Internacional *Murallas de Cidades Romanas no Occidente do Império: Lucus Augusti como Paradigma* (Lugo, 26-29 novembro 2005), no prelo.

(*Id.*, p. 110). Não podendo a arquitectura aqui servir de argumento que sustente a cronologia, a arqueologia seria determinante, no entanto, a autora estabelece a sua datação com base em critérios estilísticos e iconográficos a partir de paralelos que considera de datação fiável (*Id.*, p. 28). O argumento da mesma paleta de cores não pode servir de critério enquanto número, pois é a mesma que se usa nos restantes mosaicos da cidade com materiais das pedreiras locais, mas poderia eventualmente ter servido se uma análise da estratégia na utilização das cores tivesse sido desenvolvida. Do ponto de vista iconográfico, o argumento cronológico reside nas duas cenas de caça (sala 29 e 34 do *CMRP*). São demasiado redutores os três paralelos hispânicos citados pela autora, datados do séc. IV (cf. Morand, 2005, p. 111-112) e um mosaico gaulês de Lillebonne cuja datação do séc. IV, por J. P. Darmon, é insegura: “uma datação no séc. III não é nem impossível nem excluída” (cit. in *Id.*, p. 112). J. Lancha abordou estes mosaicos num texto recente que I. Morand não cita, apontando paralelos que reforçam a datação de J. M. Bairrão Oleiro e, em especial, refinam a datação do medalhão da caçada (sala 29) a 218-225 (Lancha, 2004, p. 94). A decoração mural da mesma sala também não pode servir de critério como o deseja I. Morand (2005, p. 113). Situada nos fins do séc. III – inícios do séc. IV, é apenas um *terminus post quem* para as últimas reparações feitas na casa (*CMRP*, I, 1, p. 169). Para a sala 34, apenas um fragmento de *sigillata* hispânica do séc. I serve de material datante (*CMRP*, I, 1, p. 148). A obra de I. Morand demonstra categoricamente a dificuldade em sustentar cronologias sem confrontar ponderadamente argumentos arqueológicos e argumentos estilísticos e iconográficos (cf. *infra* ponto 3).

A contribuição de J. Lancha (2004) vem completar o estudo iconográfico dos mosaicos da casa, reforçando as datações propostas pelo *CMRP*, I, 1, e insistindo em especial nas fontes de inspiração dos mosaístas da Casa dos Repuxos.

A investigação dos restantes mosaicos da cidade, quer dos seus contextos domésticos (zona B, zona C e zona E), quer dos públicos (Termas do Sul), que J. M. Bairrão Oleiro pretendia prosseguir após a Casa dos Repuxos, é neste momento um projecto pessoal. Apresentei ao *IV Congresso de Arqueologia Peninsular* (Faro, 2004) um conjunto de fragmentos inéditos, provenientes dos vários níveis das Termas do Sul, cujo pobre valor artístico é largamente compensado pela informação que nos traz sobre a decoração dos espaços termais, num contexto de escavações e, portanto, particularmente importante pelos dados cro-



nológicos que é possível obter (Oliveira, 2004). Conhecem-se alguns mosaicos em edifícios termais integrados em *villae* (St.<sup>a</sup> Vitória do Ameixial, Milreu, Praia da Luz, por exemplo), mas são praticamente desconhecidos em contextos urbanos<sup>3</sup>. As Termas do Sul de Conimbriga são, por outro lado, o único edifício público da cidade que nos deixou registo do uso de pavimentos em *opus tessellatum* nas suas duas fases. *In situ*, ainda se encontram dois mosaicos da fase augustana e um fragmento da fase trajânica. O conjunto de 82 fragmentos guardado nas reservas do museu é, pela sua heterogeneidade e estado fragmentário, muito difícil de integrar nos dois edifícios termais sobrepostos, mas constitui o testemunho mais antigo de *opus tessellatum* em território português, em sintonia com a realidade conhecida para outros núcleos urbanos da Península Ibérica. As termas augustanas encontram-se bastante arrasadas, mas a presença de dois mosaicos *in situ* (est. 1), no pedilúvio e no *labrum* (Fouilles, I, p. 43-44), e os catorze fragmentos provenientes do horizonte 24 (fot. 1 e 2), datado de 103-111 (cf. Fouilles, I, p. 214-220), mais um fragmento do horizonte 26, também correspondente à construção das novas termas (cf. Fouilles, I, p. 225-228), levam-nos a pensar que grande parte das salas do edifício mais antigo possuía pavimentos de *opus tessellatum*, eventualmente em mais do que uma fase, o que justificaria o número de conjuntos que constituímos (cinco a oito grupos de características diferentes). Compartimentos como o *tepidarium*, o *caldarium* ou o pórtico do *frigidarium* poderiam ter tido este tipo de revestimento.

Nas termas trajânicas confirma-se arqueologicamente que o pórtico oeste, a partir do qual se acedia à palestra, era pavimentado com mosaico. Foram aí encontrados dois pavimentos sobrepostos (Fouilles, I, p. 153), testemunhando pelo menos duas fases de pavimentação, e ainda é bem visível o assentamento do pavimento em toda a extensão do pórtico. O *frigidarium* foi revestido com placas de calcário (Fouil-

---

<sup>3</sup> Chegou a considerar-se a hipótese de o mosaico de Faro/Ossonoba, datado por J. Lancha de fins do séc. II – inícios do séc. III (1985, p. 167), pertencer a um edifício termal, com base nos muitos paralelos conhecidos do tema nesses contextos, no entanto, prevalece a hipótese de uma *schola de navicularii* (Mantas, 1993, p. 522) ou de *salsarii* (Bernardes, 2005, p. 40). Pelo contrário, a recente interpretação do sítio de Cerro da Vila (Vilamoura) como um núcleo urbano secundário, em vez de *villa*, apresentada por J. P. Bernardes (2004, p. 254) e F. Teichner (2005, p. 89), e cujas termas possuem um mosaico monocromático no fundo de uma das suas piscinas, poderá eventualmente incluir-se nesta curta lista de exemplos.

les, I, p. 116), mas desconhece-se o tipo de pavimento do *tepidarium* e do *caldarium*, sobre *suspensurae*. Os numerosos fragmentos encontrados na palestra do edifício trajânico são provenientes não só dos aterros das termas augustanas, como do edifício trajânico, não sendo estranha a presença de diversos grupos dada a sua extensão, o longo período de utilização, onde se confirmam os restauros e os pavimentos sobrepostos como é o supracitado caso do pórtico.

No Sul de Portugal, o número e a qualidade dos mosaicos atribuíveis à época romana foram considerados factores de prioridade pela Missão Luso-Francesa *Mosaicos do Sul de Portugal* (MSP) que, em 1990, iniciou os trabalhos em Torre de Palma sob a direcção de J. Lancha e A. Alarcão, com o objectivo de dar continuidade, nesta região, ao projecto do *Corpus de Mosaicos Romanos de Portugal*. A obra, fruto do trabalho de uma vasta equipa de investigadores portugueses e franceses em áreas diversas (Arqueologia, Arquitectura, Geologia) veio a ser editada em 2000 (CMRP, II, 1). Nos últimos cinco anos, a Missão MSP tem dedicado a sua investigação ao Algarve – Este, preparando o segundo fascículo do *Conventus Pacensis* (cf. Lancha e Carrez, 2003, p. 115-134; Oliveira e Viegas, 2005a, p. 53-72; Oliveira e Viegas, 2005b). Ao contrário da obra precedente, esta integra um vasto conjunto de mosaicos *in situ* (Cerro da Vila e Milreu), colecções em museus (mosaico de Oceano no Museu Municipal de Faro e fragmentos de diversos sítios do Algarve no Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal da Figueira da Foz, Museu de Loulé), ou ainda mosaicos sem paradeiro, conhecidos apenas através das aguarelas do *Catálogo das Plantas dos Edifícios descobertos na exploração archeológica do Algarve e dos desenhos de vários Monumentos e Mosaicos que acompanham as mesmas Plantas – 1877-1878*, encomendadas por S. P. M. Estácio da Veiga, ou ainda, fotografias antigas existentes nos arquivos do Museu Nacional de Arqueologia.

A Missão MSP encetou também os trabalhos de registo, descrição e estudo dos seis pavimentos de *opus tessellatum* da *pars urbana* da *villa* da Quinta das Longas (Elvas) cujo projecto global é da responsabilidade de António Carvalho e M.<sup>a</sup> José Almeida (Carvalho e Almeida, 2002). Do conjunto, destacam-se em particular dois mosaicos: o do *triclinium* de Inverno, pela sua qualidade artística, destacando-se a variada paleta de cores com tesselas de vidro aplicadas nos florões que dominam a composição e que corresponde a uma produção enquadrável no séc. IV (fot. 3); o da sala com abside sobrelevada (fot. 4), situada no

ângulo sudoeste, cuja função ainda se encontra em discussão, e que se destaca pela presença singular de um *chrismon* (Oliveira *et al.*, 2005).

Além das *villae* supracitadas do *Conventus Pacensis* com mosaicos *in situ* (Torre de Palma, Quinta das Longas, Milreu, Cerro da Vila), duas outras do *conventus scallabitanus* foram objecto de recentes abordagens: Villa Cardilio (Torres Novas) e Rabaçal (Penela). A primeira, numa tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Trier em 1999 por M. de Jesus Duran Kremer; a segunda, em numerosas publicações da autoria do arqueólogo responsável pela estação, M. Pessoa (1998, com bibliografia). No mesmo *conventus*, o chamado mosaico de Oeiras foi também objecto de redescoberta e estudo detalhado que incluiu não só o registo gráfico, como o estudo estilístico e iconográfico (Gomes *et al.*, 1996). A datação proposta pelos autores para este mosaico pertencente ao *triclinium* de uma *villa*, com base em paralelos iconográficos e técnicos, situa-se em finais do séc. II-inícios do séc. III (*id.*, p. 404; Cardoso, 2000, p. 168-170, fig. 118-121), contrariando a datação de F. Borges que considerava o mosaico mais tardio – séc. IV (1986, p. 101; cf. Oliveira, 2003, p. 136).

Quanto aos estudos temáticos sobre mosaicos em Portugal são ainda insuficientes, em boa parte devido ao atraso que leva a redacção do *Corpus*, instrumento primordial para projectos de síntese sobre qualquer assunto<sup>4</sup>. Na sua esmagadora maioria, tratam-se de trabalhos académicos, no âmbito de dissertações de Mestrado ou teses de Doutoramento.

---

<sup>4</sup> Inventários como o que F. Abraços realizou no Museu Nacional de Arqueologia (1999) são instrumentos úteis na divulgação de colecções depositadas em reservas, pois nem sempre é possível realizar exposições exclusivamente dedicadas aos mosaicos como foram aquelas que estiveram patentes ao público neste museu, em 2002, do mosaico das musas de Torre de Palma (Lancha, 2002b) e, em 2005, da grande colecção do acervo próprio (Santos, 2005). Na maior parte dos casos, os mosaicos são integrados em exposições de âmbito mais vasto, acompanhadas de catálogos de elevada qualidade onde encontramos, porém, as indicações essenciais. Veja-se, por exemplo: *Religiões da Lusitânia*, coord. por José Cardim Ribeiro, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002 (n.º 175, mosaico de Orfeu de Martim Gil, por Janine Lancha); *Tavira. Território e Poder*, coord. por Maria Maia *et al.*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2003 (n.º 87-88, dois fragmentos de mosaico de Balsa, por Trinidad Nogales); *Arqueologia: Colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*, coord. por Ana Margarida Ferreira, Castelo Branco, 2004 (“um conjunto de materiais de Conimbriga na colecção do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior”, p. 118-121, e ficha dos dois fragmentos geométricos de Conimbriga, n.º 252 e 253, por Virgílio Hipólito Correia e Ida Buraca).

Os motivos báquicos da Península Ibérica foram objecto da tese de Doutoramento de Tatiana Kuznetsova, apresentada em 1998 à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e inédita (*vide* ainda Kuznetsova-Resende, 2005). No contexto hispânico, importa realçar que dos 50 mosaicos abordados pela autora, apenas 4 pertencem ao território actualmente português e são sobejamente conhecidos (n.º 1, Torre de Palma; n.º 2, Santa Vitória do Ameixial; n.º 3, Casa dos Repuxos – Conimbriga; n.º 4, Villa Cardilio), facto que pode não corresponder a uma real inferioridade numérica, mas sim à falta de escavações em numerosos sítios onde sabemos existirem mosaicos.

Numa mesma linha de análise, restrita a Portugal, M. Pessoa editou o livro que acompanha uma exposição patente no Espaço-museu de Rabaçal sobre as Estações personificadas representadas em mosaicos (2005a). O autor apresenta um catálogo ilustrado de 6 locais (Conimbriga, Rabaçal, Maceira, Pisões, St.<sup>a</sup> Vitória do Ameixial e Pisões) com pequena síntese interpretativa sob cada um deles.

A recente publicação da investigação de Licínia Correia Wrench sobre *Decoração Vegetalista no Mosaico Romano* no âmbito da sua dissertação de Mestrado, volvidos mais de 20 anos desde a sua apresentação sob a orientação de J. M. Bairrão Oleiro, não deixa de ser um instrumento de consulta para os investigadores que queiram adoptar a sua linha metodológica na classificação da decoração vegetalista. A obra destaca-se, por outro lado, pelos levantamentos à escala que a autora realizou dos diversos motivos estudados. Já a opção em manter o seu texto original, sem actualização bibliográfica, é discutível.

## 2. Novas descobertas

Em 1986, J. M. Bairrão Oleiro (p. 112-113) registava em Portugal 181 locais com mosaicos. É certo que estes pontos não correspondem todos a mosaicos inteiros, ou até fragmentados, mas em grande parte a registo de tesselas dispersas. Não menosprezando os locais meramente assinalados por achados de superfície, é bem certo que o seu valor científico reside muito mais na estratégia de povoamento que testemunha, do que no estudo de mosaico propriamente dito. Na região de *Pax Iulia*, por exemplo, Maria Conceição Lopes identificou 12 novos sítios onde recolheu tesselas e/ou pequenos fragmentos à superfície (Lopes, 2003, n.ºs 14, 16, 34, 42, 64, 68, 89, 101, 128, 457, 515 e 537), completando

a lista de J. M. Bairrão Oleiro que contava já com 21 pontos (cf. 1986, n.º 129-150, p. 113). Tratam-se, assim, de 32 locais com mosaicos, identificados como *villae*, em torno da *civitas* de *Pax Iulia*, e que equivalem a cerca de 18 % dos sítios com esta classificação (cf. Lopes, 2003, vol. II – *Catálogo de Sítios*, identifica 174 *villae*). Percentagem que não pretende ser estatisticamente rigorosa, pois não tem em conta as naturais concentrações junto aos aglomerados urbanos, nem sequer a cronologia de ocupação de cada um dos sítios. A este inventário, que uma análise atenta às diversas cartas arqueológicas publicadas nos últimos anos poderia certamente vir a completar, podemos hoje acrescentar novas descobertas cujo interesse vai além do mero registo de ocorrência.

O nascimento e o domínio gradual da técnica do *opus tessellatum* é um fenómeno urbano na origem, cujas primeiras produções consistiam em pavimentos de *opus signinum* com esquemas simples obtidos através da incrustação de tesselas brancas, populares desde o séc. II-I a. C. até aos inícios do período imperial na Península Itálica e no Sul da Hispânia. J. M. Bairrão Oleiro apenas citou as referências de Abel Viana sobre o achado deste género de pavimento na Fonte das Figueiras, em Beja e em Aljustrel, mas não sabemos se teve oportunidade de ver efectivamente algum destes pavimentos (1986, p. 118; Lopes, 2003, n.º 55, regista apenas o primeiro sítio). Em 2003, foi encontrado um pavimento deste tipo na Praça da República em Beja (fot. 5)<sup>5</sup>, talvez um dos pavimentos mais antigos da *civitas* de *Pax Iulia*<sup>6</sup> e que poderá eventualmente estabelecer uma cronologia para a introdução desta técnica de origem itálica no território actualmente português (cf. *supra*, p. 262, a cronologia dos mosaicos das Termas do Sul de Conimbriga). A título de exemplo, podemos citar três locais do sul da Hispânia com pavimentos muito semelhantes apresentando um *semis* regular de tesselas brancas: no *oecus* da Casa de Linkete (La Caridad-Teruel), associado a

---

<sup>5</sup> As escavações foram realizadas pela empresa de arqueologia *Crivarque, Lda*, no âmbito do acompanhamento de obras de remodelação e revalorização urbana do programa BejaPolis. Agradecemos à arqueóloga responsável pelos trabalhos, Adelaide Pinto, as informações e a fotografia que muito amavelmente nos disponibilizou. Três fotografias dos trabalhos arqueológicos foram publicadas numa edição do programa BejaPolis: S. Correia – “Todo o sítio tem a sua história...”, A. Nobre *et al.* (Coord.) – *Caminhos do Futuro*, Beja, 2005, p. 40-41.

<sup>6</sup> Para outras intervenções nas imediações da Praça da República: cf. Lopes, 2003, p. 138-157.

uma inscrição e datado entre o séc. II a. C e inícios do séc. I a. C. (Vicente Redón *et al.*, 1989, p. 21-22 e p. 29-30, fig. 6.3); em dois pavimentos de Ampúrias, também associados a inscrições, datados do séc. I a. C. (Olmos Romera, 1989, fig. 1-3); num *cubiculum* da Casa de los Delfines de *Colonia Victrix Iulia Lepida/Celsa*, associado a um painel com golfinhos, do séc. I a. C. (Lasheras Corruçaga, 1989, p. 92, fig. 7). Aguarda-se a publicação dos resultados das escavações para confrontar esta datação de carácter estilístico com os materiais associados que permitam aferir a cronologia.

Os dois achados em contexto urbano da Casa do Infante no Porto<sup>7</sup> e do Pátio das Escolas em Coimbra (Catarino e Filipe, 2001a e 2003b; Sales, 2001) vêm completar a muito reduzida lista de pavimentos musivos pertencentes a edifícios urbanos, se exceptuarmos Conimbriga, e, em menor escala, Braga (cf. Abraços, 2005), porquanto devem merecer uma atenção especial. Apesar de apresentarem esquemas ortogonais geométricos muito frequentes na produção musiva romana – um esquema à base de estrelas de oito pontas em Coimbra, um esquema de quadrílobo de peltas e outro à base de rodas de peltas no Porto – o contexto de escavação arqueológica em que foram encontrados e a decorrente possibilidade de datação segundo critérios não apenas estilísticos, constituem outros factores de interesse e problemática.

Resultado da investigação levada a cabo no âmbito de uma dissertação de Mestrado, é o artigo publicado por Maria Teresa Caetano (2001) sobre os mosaicos da Baixa Pombalina (Lisboa), em particular aqueles que se encontram no núcleo arqueológico da rua dos Correios, atribuídos ao *frigidarium* de umas termas, datados da segunda metade do séc. III (Caetano, 2001, p. 74-79, fig. III-X; Bugalhão, 2001, p. 66-67, fig. 36-37). Já os contextos cristãos dos mosaicos de *Myrtilis* (Lopes, 2003) e de Tongobriga<sup>8</sup> vêm mostrar a vitalidade de alguns núcleos urbanos em época tardia, alargando a faixa cronológica tradicionalmente atribuída aos mosaicos romanos de Portugal (séc. IV) até ao séc. V-VI.

---

<sup>7</sup> Os mosaicos da Casa do Infante não foram ainda publicados, mas tivemos já oportunidade de os ver apresentados por Paulo Dórdio Gomes no *X Colóquio Internacional da AIEMA* (Conimbriga, 29 de Outubro a 3 de Novembro 2005).

<sup>8</sup> Em 2002, as escavações na igreja paroquial de S. Maria do Freixo (Marco de Canaveses), sob a responsabilidade de António Lima, puseram a descoberto uma basílica paleocristã pavimentada com mosaico policromo geométrico e vegetalista, com cronologia do séc. V-VI, unicamente conhecidos pela imprensa diária.

O achado de mosaicos em *villae* é menos surpreendente, mas igualmente interessante quando se tratam de sítios bem conservados e com um grande conjunto de pavimentos que venha eventualmente a permitir a identificação de uma oficina. Sob o Paço dos Vasconcelos de Santiago da Guarda (Ansião) foi descoberta, em 2002, uma *villa* de peristilo central cujo conjunto de mosaicos será no futuro, pelo número (16) e pela qualidade estilística, um sítio a destacar no panorama nacional. O projecto, envolvendo não só a escavação, mas também a recuperação e musealização do edifício, decorre sob a responsabilidade de Rodrigo Pereira, arqueólogo da Câmara Municipal, em colaboração com o Museu Monográfico de Conimbriga. O sítio foi dado a conhecer no *IV Congresso de Arqueologia Peninsular* (Faro, 2004) e os seus mosaicos, apesar de geométricos e vegetalistas, irradiam uma excepcional paleta de cores e um marcado estilo oriental com esquemas profusamente sobrecarregados de ornamentos e recurso abusivo aos nós e cabos entrelaçados, revelando grandes afinidades, não só estilísticas, como cronológicas, com a produção musiva da *villa* do Rabaçal. Menos rica na paleta e na exuberância, mas cronologicamente coeva e sob a mesma circunscrição conventual – *conventus scallabitanus* – a *villa* de Rio Maior foi descoberta em 1992, escavada por J. Beleza Moreira a partir de 1995 e os seus mosaicos, em particular, foram tema de uma dissertação de Mestrado apresentada por mim à Universidade de Coimbra em 2001. A arquitectura singular da *villa*, com um grande compartimento circular dotado de pavimento musivo e um pequeno peristilo não axial, constitui, além dos seus 14 pavimentos geométricos e vegetalistas que datei entre a segunda metade do séc. IV e os inícios do séc. V, um ponto de interesse do sítio arqueológico (Oliveira, 2003).

Se, na vizinha Espanha, a influência oriental na produção musiva da Hispânia antiga está bem documentada num período cronológico que vai desde o séc. II até ao séc. V, quer através da presença de mosaístas daquela parte do Império, quer através da execução dos seus modelos pictóricos (cf. Blázquez, 2005, p. 725-738), para a área que a Portugal coube da Lusitânia antiga, o mesmo não sucede. Com efeito, sobejamente referenciada como exemplo de produção de cariz oriental, a *villa* do Rabaçal encontrava-se até há pouco tempo isolada no contexto regional (cf. Pessoa, 1998). A descoberta dos mosaicos da *villa* de Santiago da Guarda e, em pequenos elementos decorativos, da de Rio Maior, vêm abrir caminho num sentido inédito em Portugal. Também na *villa* de S. Simão (Penela) é possível identificar uma mesma estética de

elementos entrelaçados e faixas policromas sublinhadas a filete preto (Pessoa, 2005b, p. 366, fig. 2). Embora mais afastado geograficamente, o mosaico do *chrismon* da Quinta das Longas (Elvas) é de incluir no mesmo círculo estético. Os grandes medalhões de cabos entrelaçados e profusão de nós nas figuras geométricas, a que P. Doncel-Voute chamou *knots for nothing* (1993, p. 218), são particularmente característicos desse círculo. A propósito do exemplo de Rio Maior (fot. 6) tivemos oportunidade de já tecer alguns comentários (Oliveira, 2003, n.º 7E, p. 104, est. VI) que podemos enriquecer aqui com dois novos paralelos. Os dois medalhões provenientes de *villae* tardias da *civitas* de Conimbriga – Santiago da Guarda (fot. 7) e Rabaçal (fig. 1) (Pessoa, 1998, fig. 14, p. 28) – são de qualidade muito superior ao de Rio Maior, no entanto, o seu estilo é próximo. Na abside com o *chrismon* da Quinta das Longas (fot. 4), é um medalhão formado por semicírculos sobrepostos que, em muito, recordam os do mosaico de Baños de Valdearados (Burgos) datado do séc. V (*CME*, XII, n.º 3, p. 18-19, fig. 3), marca de um mundo tardo-antigo de influência oriental.

Um dos mais recentes achados de mosaicos ocorreu em Outubro 2005 ao abrirem fundações para a construção do condomínio Encosta da Marina, em Lagos (Serra e Porfírio, 2005). A interpretação das estruturas postas a descoberto ainda é prematura, mas a existência de um pavimento em *opus tessellatum*, assim como a dispersão dos achados nesta zona (cf. Alarcão, 1988, vol. II, fasc. 3, 7/97, 7/133 a 7/140) e a existência de numerosas cetárias junto ao rio, reduzem significativamente o leque das possibilidades. Em contexto rural, a identificação do sítio como *villa* seria apropriada, porém, no caso do litoral algarvio, J. P. Bernardes demonstrou que muitos dos locais tradicionalmente identificados como *villae* são afinal aglomerados urbanos secundários, apontando em particular Cacela, Quinta de Marim e Cerro da Vila (2004, p. 251-255), sítios estes que proporcionaram também pavimentos de mosaico (cf. Oliveira e Viegas, 2005a, p. 58-62 e p. 68-69). Registo de mosaicos nas imediações de Lagos, apenas existe o de algumas tesselas dispersas encontradas na área urbana e atribuíveis a uma eventual *villa* suburbana (Alarcão, 1988, vol. II, fasc. 3, 7/140).

Conservaram-se na Encosta da Marina três fragmentos *in situ* e vários dispersos pela restante área do tapete, muitos deles fora do seu lugar original (fot. 8). Os fragmentos permitem apenas caracterizar as bordaduras: uma faixa de remate à parede branca com sinusóide em filete simples cinzento azulado (cf. *Le Décor*, I, est. 63b), ornada de três



tesselas da mesma cor nos espaços residuais, seguida de uma bordadura com folhagem desenhada através de um filete cinzento azulado simples e rematada com *hederae*, em fundo branco (cf. *Le Décor*, I, est. 64b) e uma trança policromática de 2 cabos (cf. *Le Décor*, I, est. 70j): rosa escuro/rosa claro, rosa claro/vermelho, vermelho/vermelho e ocre/verde cobreado. A decoração do campo está totalmente destruída, tendo sido no entanto possível definir as dimensões totais do compartimento (6,60 x 3,57 m). O campo principal, quadrado ou rectangular, era emoldurado por uma trança cujo tratamento policromático de 7 cores, combinadas alternadamente em dois fios, contrasta com as duas bordaduras exteriores de pendur clássico na sua traça simples bicolor.

A sinusóide, em versão bicolor, é um motivo que se conhece em Roma desde os Antoninos até ao séc. III (Blake, 1930, p. 170, p. 170, est. 39.3; Blake, 1936, p. 88, est. 15.1-4). Data do séc. II um dos paralelos mais próximos, sem decoração nos espaços residuais, num mosaico da *Casa del Mitreo* de Mérida (*CME*, I, n.º 18, p. 38-39, est. 40). Os exemplos do séc. III e IV tendem a ser tratados em oposição de cores, preto/branco e em policromia, com diversos graus de sofisticação e complexidade em *dégradés* sucessivos à medida que avançamos no tempo<sup>9</sup>. Os paralelos em território português incluem-se nesta última tendência para a policromia (Milreu, Monte do Meio, Rio Maior, S. Pedro de Caldelas, Rabaçal, Santiago da Guarda). As folhagens com remates em *hederae* são um dos motivos vegetalistas mais frequentes nos mosaicos romanos, desde os primórdios da técnica do *opus tessellatum*. As versões bicolores mais simples conhecem-se desde o séc. II na Hispânia e mantêm esta tendência durante o séc. III. Os paralelos béticos são numerosos nesta faixa cronológica (Itálica: *CME*, II, n.º 1, p. 25-26 e n.º 5, p. 29-30; Carmona: *CME*, IV, n.º 15, p. 31-34 e n.º 20, p. 35). No Algarve, também se conhecem alguns exemplos: Milreu (inédito) e Quinta do Amendoal (Santos, 1972, n.º 3 e n.º 4, p. 175). É num mosaico de Milreu que encontramos um dos paralelos mais próximos, ainda que se verifique aqui o recurso à policromia. A datação que já estabelecemos para esse mosaico no âmbito da investigação em curso para o *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal* situa-se nos princípios do séc. III. Em suma, tendo em conta os paralelos assinalados, entre o séc. II e III, assim como a já rica combinação cromática da bordadura em trança, julgamos que estes fragmentos devem pertencer a um

<sup>9</sup> Para a evolução do motivo até ao séc. IV, *vide* Oliveira, 2003, p. 98-101.

mosaico do séc. III, ainda que, na falta de mais elementos estilísticos e/ou arqueológicos disponíveis de momento, não nos seja possível afinar esta proposta de datação.

A *villa* de Frielas (Loures) é outro dos locais a adicionar ao inventário de Oleiro (1986). Em curso de escavação sob a direcção de Ana Raquel Silva, com a colaboração de Maria Teresa Caetano para o estudo dos mosaicos, que dela deram já conta nalgumas publicações (Caetano, 1998; Silva, 1998, 2000a, 2000b e 2004), trata-se de uma *villa* de peristilo central cujos mosaicos apontam para a segunda metade do séc. III – inícios do séc. IV, época em que se terá verificado também a implantação do edifício (Silva, 2000b, p. 81). A recente apresentação da *villa* no X Colóquio da AIEMA (Silva *et al.*, 2005), deu a conhecer novos mosaicos cujo estilo, corporizado numa estratégia de execução cromática comum aos pavimentos que os autores escolheram para ilustrar a sua apresentação, é à primeira vista tão regrado que nos parece obra de uma mesma oficina. Com efeito, embora os esquemas geométricos e os pormenores decorativos de carácter vegetal sejam mais ou menos frequentes na produção musiva romana, a combinação de vermelho e preto é aqui um traço comum muito forte. Com excepção dos casos particulares da Casa dos Repuxos de Conimbriga (cf. Lancha, 2004), da *villa* de Rabaçal (Pessoa, 1998), ou da fauna marinha de Milreu (cf. Oliveira e Viegas 2005b), as referências à presença de uma oficina com mais do que um mosaico executado no mesmo edifício são inexistentes<sup>10</sup>, daí que a *villa* de Frielas e os trabalhos que aí desenvolvem sejam merecedores de atenção. Numa outra linha de análise, um dos mosaicos desta *villa* reveste-se de especial interesse pela presença de *kantharoi* com uma suástica em cantoneira de uma composição centrada que em muito se aproxima, no estilo, do exemplo que possuímos numa abside da *villa* de Milreu e, na sua integração na composição, de um outro mosaico do mesmo sítio (Oliveira e Viegas, 2005b).

Numa fase ainda muito embrionária, o projecto da Quinta do Prado Galego (Pinhel) irá certamente constituir no futuro um importante pólo de atracção numa região interior, onde o registo de mosaicos se confina aos três pontos assinalados por Oleiro (1986, p. 112: 22, Castelo Cala-

---

<sup>10</sup> Conhecem-se produções isoladas, identificadas como obra de uma oficina, atribuíveis a composições figurativas como é o caso do mosaico de Oceano (Lancha, 1985, p. 170) ou do mosaico das Musas e do Cortejo de Baco de Torre de Palma (CMRP, II, 1, p. 306).

bre, Vila Nova de Foz Côa; 23, Figueira de Castelo Rodrigo; 24, Senhora do Mosteiro, Almeida) e que correspondem a achados de superfície. Descobertos em 2002, os diversos fragmentos encontrados no decorrer da segunda intervenção arqueológica sob a responsabilidade de P. Reis pertencem a um grande tapete cujas dimensões nos sugerem desde já uma sala de aparato (Reis, 2004).

### 3. Perspectivas no estudo dos mosaicos romanos

Como em todas as áreas da Arqueologia, a disponibilidade de um inventário completo, com descrições detalhadas e boa documentação gráfica, é o necessário ponto de partida do investigador. Por não dispormos desses documentos no estudo dos mosaicos, julgo que lhe deve ser dada prioridade. Grande parte dos países que outrora constituíram parte do Império Romano dispõem já de um conjunto muito significativo de *corpora* publicados: a título de exemplo, parece-nos oportuno recordar que em Espanha, o *Corpus* tem já 12 volumes (publicados desde 1978), em França, o *Recueil*, também conta com 12 volumes (desde 1957) e, na Tunísia, 9 (desde 1973), para apenas citar os mais significativos. Todos eles assumidos como projectos de instituições públicas de investigação (CSIC, CNRS e INP, respectivamente). Em apêndice, deixamos as conclusões que, em 2003, foram redigidas no final da *Reunião Nacional Preparatória do X Colóquio Internacional da AIEMA* para reflexão sobre esta matéria no que a Portugal diz respeito.

Ultrapassar a imagem do mosaico antigo como “obra de arte” deve traduzir-se necessariamente numa abordagem multifacetada, à qual os elementos proporcionados pelo estudo das estruturas arquitectónicas e os materiais arqueológicos associados devem dar consistência e, sobretudo, credibilidade, quando é chegado o momento de atribuir cronologias. É certo que não se devem descurar os aspectos estilísticos e iconográficos, pois eles são na verdade o fulcro da questão. Em teoria, estas afirmações parecem muito óbvias, porém, nem sempre a sua aplicação resulta fácil e objectiva pelas dissonâncias que frequentemente surgem entre estruturas, estratigrafias e estilo dos mosaicos. A Casa dos Repuxos é um exemplo paradigmático (*vide supra*, p. 258-261). O programa arquitectónico e o programa musivo são cronologicamente distantes, porém, tangentes e funcionalmente coerentes na dinâmica da última fase da *domus*. De certa forma, esta realidade atenua, mas não

anula, o impacto do estudo arquitectónico – mormente ao nível conceptual – na datação directa dos mosaicos. No entanto, por via indirecta da datação das estruturas através da leitura estratigráfica e, sobretudo, pelas questões orgânicas subjacentes, a arquitectura não pode ser apartada. Assim, em última instância, é a Arqueologia que deverá dar respostas quanto à cronologia dos mosaicos. Por razões diversas, poucos são os mosaicos claramente datados com elementos arqueológicos seguros, facto que obriga a uma sobrevalorização do estudo estilístico como argumento datante. É desta excessiva dependência que a investigação em mosaicos deve libertar-se e sincronizar os demais argumentos numa dimensão não só micro-espacial, mas também à escala provincial.

A exaustiva descrição dos mosaicos com terminologia internacionalmente adoptada (cf. *Le Décor*) deve ser completada com um dossiê documental de desenhos e fotografias. O levantamento tessela a tessela feito em tela plástica continua a ser um método fiel para quem dispõe de recursos financeiros limitados e foi muito melhorado com os avanços mais recentes no domínio do equipamento informático que ora permitem a conversão directa do plástico para suporte digital, reduzindo as distorções das sucessivas fotocópias em papel. O levantamento feito através de fotografia ortogonal e/ou fotogrametria deve ser pontualmente equacionado em função da disponibilidade financeira. Podemos ver em Mértola (Lopes, 2003, fig. 67, 74, 76, 80, 81 e 83) os resultados de levantamentos gráficos feitos com recurso a ortofotografia, vectorização de imagem e aferição de escala de cores, realizados pela *Era, Arqueologia S.A.*<sup>11</sup>. Trata-se de um trabalho inédito em Portugal, cujo rigor depende da realização de boas fotografias e topografia de precisão. Seria desejável que outros pudessem ser feitos e os resultados discutidos, ainda que, por certo, cada estação arqueológica tenha condições particulares que determinem uma ou outra opção.

O estudo da paleta de cores é outra interessante via de abordagem se puder ser acompanhado de um bom estudo petrográfico do material utilizado. Os únicos estudos de paleta de cores conhecidos em Portugal são o de Torre de Palma (*CMRP*, II, 1, p. 281-298; p. 301-304, *Estudo geológico e petrográfico*, por F. Real), pioneiro neste domínio, que me serviu de modelo para Rio Maior (Oliveira, 2003, p. 147-151; p. 161-

---

<sup>11</sup> Pedro Braga – “Trabalhos de conservação e restauro em mosaico romano e o panorama do mercado na área”, apresentação realizada no auditório do Instituto Politécnico de Tomar (23 de Abril de 2004), não editada.

-163, apêndice *Estudo geológico*, por F. Real). A importância do estudo da paleta é de máxima relevância não só na vertente quantificada da diversidade de cores por mosaico, como ainda na vertente qualitativa do emprego criterioso de cada cor. É uma questão que suscita algum debate pela sua natureza subjectiva. Até este momento, a identificação e reprodução da cor tem sido feita a partir de uma gama vasta de lápis de cor cujas características permitem uma aproximação muito realista à cor pétreo original. No entanto, a experiência tem-me mostrado que será importante repensar nesse código de cores de forma a torná-lo facilmente utilizável por qualquer investigador. Qualquer estudo a empreender depende, em primeira instância, da constituição de uma documentação rigorosa. Esta deve ser a primeira grande preocupação, porque a ela se subordina toda a interpretação.

Na suas multifacetadas vertentes, as novas perspectivas no estudo dos mosaicos podem contribuir para o melhor conhecimento não só do simbolismo estético e religioso das gentes que habitaram a cidade e o campo na Antiguidade, mas também das relações económicas internas e externas ou ainda das técnicas de construção nas diferentes etapas históricas do Império Romano.

Em suma, acreditamos que foi já encontrado um caminho para dar continuidade ao trabalho que J. M. Bairrão Oleiro construiu nos últimos 30 anos, diversificando as perspectivas de abordagem e enriquecendo a produção científica nesta matéria.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAÇOS, Fátima (1999): “Contributo para a história e inventário dos mosaicos romanos do Museu nacional de Arqueologia”, *O Arqueólogo Português*, série IV, n.º 17, p. 345-397.
- ABRAÇOS, Fátima (2005): “Os mosaicos romanos de *Bracara Augusta* da colecção do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa”, *X Colóquio Internacional da AIEMA* (Conimbriga-Ansião-Coimbra, 29 de Outubro a 3 de Novembro de 2005), no prelo.
- ALARCÃO, Jorge (1988): *Roman Portugal*, Warminster.
- BERNARDES, João Pedro (2004): “Sobre o litoral algarvio no período imperial romano”, in Lopes, M.ª C.; Vilaça, R. (coord.) – *O Passado em Cena: Narrativas e Fragmentos*, Coimbra/Porto, p. 247-260.
- BERNARDES, João Pedro (2005): “A relação campo-cidade”, in Paulo, D. (coord.) – *Caminhos do Algarve Romano*, Museu Municipal de Faro, Faro, p. 35-42.

- BLAKE, Marion E. (1930): “The pavements of the roman buildings of the republic and the early Empire“, *Memoirs of the American Academy in Rome*, VIII, p. 7-159.
- BLAKE, Marion E. (1936): “Mosaics of the second century in Italy“, *Memoirs of the American Academy in Rome*, XIII, p. 67-214.
- BLÁZQUEZ, José Maria (2005): “Estilos y talleres de mosaicos hispanos del bajo Império“, *La Mosaïque gréco-romaine* IX, vol. 2, EFR Roma, p. 725-738.
- BORGES, Maria Felisbela (1986): *Mosaicos luso-romanos da área de influência de Olisipo e Collipo*, Mestrado: História da Arte: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- BUGALHÃO, Jacinta (2001): *A Indústria Romana de Transformação e Conservação de peixe em Olisipo*, Trabalhos de Arqueologia, 15, IPA, Lisboa.
- CAETANO, Maria Teresa (1998): “Mosaico romano de Frielas (concelho de Loures)“, *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*, Catálogo da Exposição de Arqueologia, Museu Municipal de Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 107-112.
- CAETANO, Maria Teresa (2001): “Mosaicos romanos de Lisboa. I – A ‘baixa pombalina’“, *Conimbriga*, 40, p. 65-82.
- CARDOSO, João Luís (2000): *Sítios, Pedras e Homens. Trinta anos de Arqueologia em Oeiras*, Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, n.º 9).
- CARVALHO, António; ALMEIDA, Maria José (2002): “A villa romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): uma década de trabalhos arqueológicos (1991-2001)“, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, vol. 13-14, p. 13-37.
- CATARINO, Helena; FILIPE, Sónia (2001): “Segunda campanha de Escavações no pátio da Universidade de Coimbra: ponto da situação“, *Informação Universitária*, Reitoria da Universidade de Coimbra, n.º 13, p. 18-19.
- CATARINO, Helena; FILIPE, Sónia (2003a): “Segredos e lições do Pátio da Universidade“, *Rua Larga*, n.º 1, Junho 2003 (caderno temático *O Paço das Escolas revisitado*), p. 2-4.
- CATARINO, Helena; FILIPE, Sónia, (2003b): “A História tal qual se faz no Pátio da Universidade de Coimbra: apresentação sumária dos vestígios de época romana“, in Encarnação José d’ (coord.) – *A História Tal Qual se Faz*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 49-63.
- CME, I = BLANCO, António (1978): *Mosaicos Romanos de Mérida*, Madrid.
- CME, II = BLANCO, António (1978): *Mosaicos Romanos de Itálica*, Madrid.
- CME, IV = BLÁZQUEZ MARTINEZ, J. M. (1982): *Mosaicos de Sevilla, Granada, Cádiz y Murcia*, Madrid.
- CME, XII = G. LÓPEZ MONTEAGUDO; R. NAVARRO SAÉZ, P. DE PALOL SALELLAS (1998): *Mosaicos Romanos de Burgos*, Madrid.
- CMRP, I, 1 = OLEIRO, João M. Bairrão (1992): *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal: I, Conventus Scallabitanus*, 1. *Conimbriga, Casa dos Repuxos*, Lisboa (com apêndices: “Os materiais e o edifício”, por A. Alarcão e V. H. Correia, p.145-157; “As pinturas murais *in situ*”, por Rui N. Pedroso, p. 161-166).
- CMRP, II, 1, = LANCHÁ, J.; ANDRÉ, P. et al. (2000): *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal: II, Conventus Pacensis*, 1. *A Villa de Torre de Palma*, Lisboa.
- CORREIA, Virgílio H. (2001): “Conimbriga, casa atribuída a Cantaber. Trabalhos arqueológicos 1995-1998“, *Conimbriga*, 40, p. 83-140.

- CORREIA, Virgílio H. (2003): “Notas sobre a iconografia e a arquitectura na casa dos Repuxos (Conimbriga”, *Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Iconográfica e Simbólica* (20-25 de Abril 2002, Meda e Vale do Côa), Liga dos Amigos de Conimbriga, p. 121-131.
- CORREIA, Virgílio H. (2004): “O futuro dos estudos arqueológicos em Conimbriga”, in Correia, V. H. (ed.) – *Perspectivas sobre Conimbriga*, Museu Monográfico de Conimbriga, Lisboa, p. 49-79.
- DONCEL-VOUTE, Pauline (1993): “Le VII<sup>e</sup> siècle dans la mosaïque du Proche Orient”, *VI Coloquio Internacional sobre Mosaico Antigo*, Actes du VI<sup>e</sup> Colloque International pour l'Étude de la Mosaïque Antique (Palencia-Mérida, 1990), Guadalajara, p. 207-220.
- Fouilles = ALARCÃO, J.; ETIENNE, R. (1977): *Fouilles de Conimbriga. I-L'Architecture*, IV – Les Sigillées, Paris, De Boccard.
- GOMES, Mário Varela; CARDOSO, João Luís; ANDRÉ, M.<sup>a</sup> da Conceição (1996): “O mosaico de Oeiras: estudo iconográfico, integração funcional e cronológica”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 367-406.
- KREMER, Maria de Jesus Duran (1999): *Die Mosaiken der Villa Cardilio (Torres Novas-Portugal) – Ihre Einordnung in die musivische Landschaft der Hispânia im besonderen*, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Trier (inérita).
- KUZNETSOVA-RESENDE, Tatiana (1998): “Dioniso e a Loba Romana na mosaística da Península Ibérica”, *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 24, p. 39-47.
- KUZNETSOVA-RESENDE, Tatiana (1999): “Representações do tempo cíclico em alguns mosaicos romanos da Península Ibérica”, *Clio*, 4, p. 27-52.
- KUZNETSOVA, Tatiana P. (1998): *Os Mosaicos com Motivos Báquicos da Península Ibérica. Contribuição para o Estudo Diacrónico dos seus Significados*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (exemplar policopiado).
- KUZNETSOVA, Tatiana P. (2002): “Dois mosaicos do Baixo-Império: o Orfeu de Martim Gil e o cortejo báquico de Torre de Palma”, in Ribeiro, José Cardim (coord.) – *As Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 289-292.
- KUZNETSOVA, Tatiana P. (2005): “Le langage iconographique des *trionphes bachiques* de la mosaïque de la mosaïque romaine de la Péninsule Ibérique”, *La Mosaïque Gréco-Romaine*, IX (Collection de l'École Française de Rome, n.º 352), Roma, p. 1023-1032.
- LANCHA, Janine (1985): “La mosaïque d'Océan découverte à Faro”, *Conimbriga*, 24, p. 151-1175.
- LANCHA, Janine (2000): “Un document d'histoire sociale: le *Corpus* des mosaïques romaines du Portugal”, in Gorges, J.-G.; Nogales Basarrate, T. (Coord.) – *Sociedad y Cultura en la Lusitania Romana* (IV Mesa Redonda International; série Estúdios Portugueses, n.º 13), Mérida, p. 173-183.
- LANCHA, Janine (2002a): “Mosaicos e religião na Lusitânia”, in Ribeiro, José Cardim (coord.) – *As Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 283-288.

- LANCHA, Janine (2002b): *O Mosaico das Musas de Torre de Palma*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- LANCHA, Janine (2004): “Sources, images et originalités des ateliers de mosaïstes de Conimbriga”, in Correia, V. H. (ed.) – *Perspectivas sobre Conimbriga*, Museu Monográfico de Conimbriga, Lisboa, p. 81-95.
- LANCHA, Janine; CARREZ, Florian (2003): “Cerro da Vila, la villa et son décor: nouvelles recherches de la Mission luso-française *Mosaïques du Sud du Portugal*”, Actas do I Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2001), *Xelb*, 4, p. 115-134.
- LASHERAS CORRUCHAGA, Jose Antonio (1989): “Pavimentos y mosaicos de la Colonia Victrix Iulia Lepida/Celsa”, Actas de la I Mesa Redonda Hispano-Francesa sobre Mosaicos Romanos (Madrid, 1985), *Mosaicos Romanos*. In memoriam Manuel Fernández-Galiano, Madrid, 1989, p. 85-111.
- Le Décor, I* = BALMELLE, Catherine et al. (1985): *Le Décor Géométrique de la Mosaïque Romaine I: Répertoire Graphique et Descriptif des Compositions Linéaires et Isotropes, I*, Paris.
- LOPES, Maria Conceição (2003), *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, *Anexos de Conimbriga*, 3, Coimbra, 2 vols.
- LOPES, Virgílio (2003): *Mértola na Antiguidade Tardia. A Topografia Histórica da Cidade e do seu Território nos Alvares do Cristianismo*, Mértola.
- MANTAS, Vasco (1993): “A cidade romana de Ossonoba”, *Actas del I Colóquio de História Antiga de Andalucía* (Córdoba, 1988), I, p. 515-537.
- MORAND, Isabelle (2005): *La Maison des Jets d’Eau*, De Boccard, Paris.
- NEIRA, M. Luz. (1998): “Reminiscencias de *Lupercalia* en el agro lusitano. A propósito del mosaico de Sta. Vitória do Ameixial”, *L’Africa romana XII*, Sassari, p. 907-920.
- OLEIRO, João M. Bairrão (1986): “Mosaico romano”, *História da Arte em Portugal*, vol. 1, Ed. Alfa, p. 111-127.
- OLEIRO (1992) = *CMRP*, I, 1.
- OLIVEIRA, Cristina (2003): *A Villa de Rio Maior. Estudo de mosaicos*, Trabalhos de Arqueologia, 31, IPA, Lisboa.
- OLIVEIRA, Cristina (2004): “Fragmentos de mosaicos das termas do sul de Conimbriga”, *IV Congresso Peninsular de Arqueologia* (Faro, 14-19 de Setembro de 2004), no prelo.
- OLIVEIRA, Cristina; VIEGAS, Catarina (2005a): “Mosaicos romanos do Algarve: perspectivas da investigação”, Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2003), *Xelb*, 5, p. 53-72.
- OLIVEIRA, Cristina; VIEGAS, Catarina (2005b): “*Corpus* des Mosaïques Romaines du Portugal: discussion des questions stylistiques et chronologiques des mosaïques de l’Algarve oriental”, *X Colóquio Internacional da AIEMA* (Conimbriga-Ansião-Coimbra, 29 de Outubro a 3 de Novembro de 2005), no prelo.
- OLIVEIRA, Cristina; CARVALHO, António; ALMEIDA, Maria José (2005): “La villa de Quinta das Longas (Elvas-Portugal): les mosaïques de la *domus* du Bas-Empire”, *X Colóquio Internacional da AIEMA* (Conimbriga-Ansião-Coimbra, 29 de Outubro a 3 de Novembro de 2005), no prelo.



- OLMOS ROMERA, Ricardo (1989): “Hedykoitos y Agathos Daimon. Inscripciones en dos mosaicos tardo helenísticos de Ampurias”, *Actas de la I Mesa Redonda Hispano-Francesa sobre Mosaicos Romanos* (Madrid, 1985), *Mosaicos Romanos*. In memoriam Manuel Fernández-Galiano, Madrid, 1989, p. 43-59.
- PESSOA, Miguel (1998): *Villa Romana do Rabaçal*, Câmara Municipal de Penela, 1998.
- PESSOA, Miguel (2005a): *Arte sempre nova nos mosaicos romanos das Estações do Ano em Portugal / Renouveau artistique des mosaïques romaines représentant les Saisons au Portugal*, Penela/Terras de Síc – Associação de Desenvolvimento.
- PESSOA, Miguel (2005b): “Contributo para o estudo dos mosaicos romanos no território das civitates de Aeminium e de Conimbriga (Portugal)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/2, p. 363-401.
- PEREIRA, Rodrigo (2004): “A villa de Santiago da Guarda”, *IV Congresso Peninsular de Arqueologia* (Faro, 14-19 de Setembro de 2004), no prelo.
- REIS, Pilar (2004): “A villa romana da Quinta do Prado Galego (Valbom – Pinhel): primeiros resultados”, *IV Congresso Peninsular de Arqueologia* (Faro, 14-19 de Setembro de 2004), no prelo.
- Roteiro* (2002) = *Roteiros da Arqueologia Portuguesa. 2. Ruínas de Conímbriga*, Museu Monográfico de Conímbriga, Lisboa, IPM.
- SALES, Pedro (2001): *Relatório de Estágio Curricular: Conservação e Restauro do Mosaico Romano*, Trabalho académico apresentado no Instituto Politécnico de Tomar, Conimbriga (exemplar fotocopiado).
- SANTOS, Ana Rita S. (2005): *Mosaicos Romanos nas Coleções do Museu Nacional de Arqueologia*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (inclui CD-Rom).
- SANTOS, M.<sup>a</sup> Luísa Estácio da Veiga A. (1972): *Arqueologia Romana do Algarve*, Lisboa, vol. II, 1972 (vol. I, 1971).
- SERRA, Miguel; PORFÍRIO, Eduardo (2005): “Encosta da Marina: uma villa romana na Meia Praia (Lagos)”, 3.º *Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, 20 a 22 de Outubro de 2005), no prelo.
- SILVA, Ana Raquel (1998): “A presença romana em Frielas”, *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*, Catálogo da exposição de Arqueologia no Museu Municipal de Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 43-48.
- SILVA, Ana Raquel (2000a): “A estação arqueológica de Frielas”, *Actas do III Colóquio de Arqueologia Peninsular*, Porto, vol. VI, p. 479-489.
- SILVA, Ana Raquel (2000b): “A villa romana de Frielas”, *O Arqueólogo Português*, série IV, 19, p. 72-83.
- SILVA, Ana Raquel (2004): “A villa romana de Frielas – espaço, tempo e funcionalidade”, *Arqueologia como documento*, Catálogo da Exposição de Arqueologia, Museu Municipal de Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 11-19.
- SILVA, Ana Raquel; CAETANO, Maria Teresa; REIS, Luís Carlos (2005): “Mosaicos da villa romana de Frielas – primeira notícia”, *X Colóquio Internacional da AIEMA* (Conimbriga-Ansião-Coimbra, 29 de Outubro a 3 de Novembro de 2005), no prelo.
- TEICHER, Félix (2005): “Cerro da Vila – aglomeração urbana secundária e centro de produção de tinturaria no sul da província Lusitânia”, *Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, 2003), *Xelb*, 5, p. 85-99.

VICENTE REDÓN, Jaime *et al.* (1989): “Un pavimento de *opus signinum* con epígrafe ibérico”, *Actas de la I Mesa Redonda Hispano-Francesa sobre Mosaicos Romanos* (Madrid, 1985), *Mosaicos Romanos*. In memoriam Manuel Fernández-Galiano, Madrid, 1989, p. 11-42.

WRENCH, Licínia Correia (2005): *Decoração vegetalista no mosaico romano*, Ed. Colibri, Lisboa.

## APÊNDICE

### **Conclusões da reunião preparatória do X Colóquio da AIEMA (Conimbriga, 3 e 4 de Outubro de 2003)**

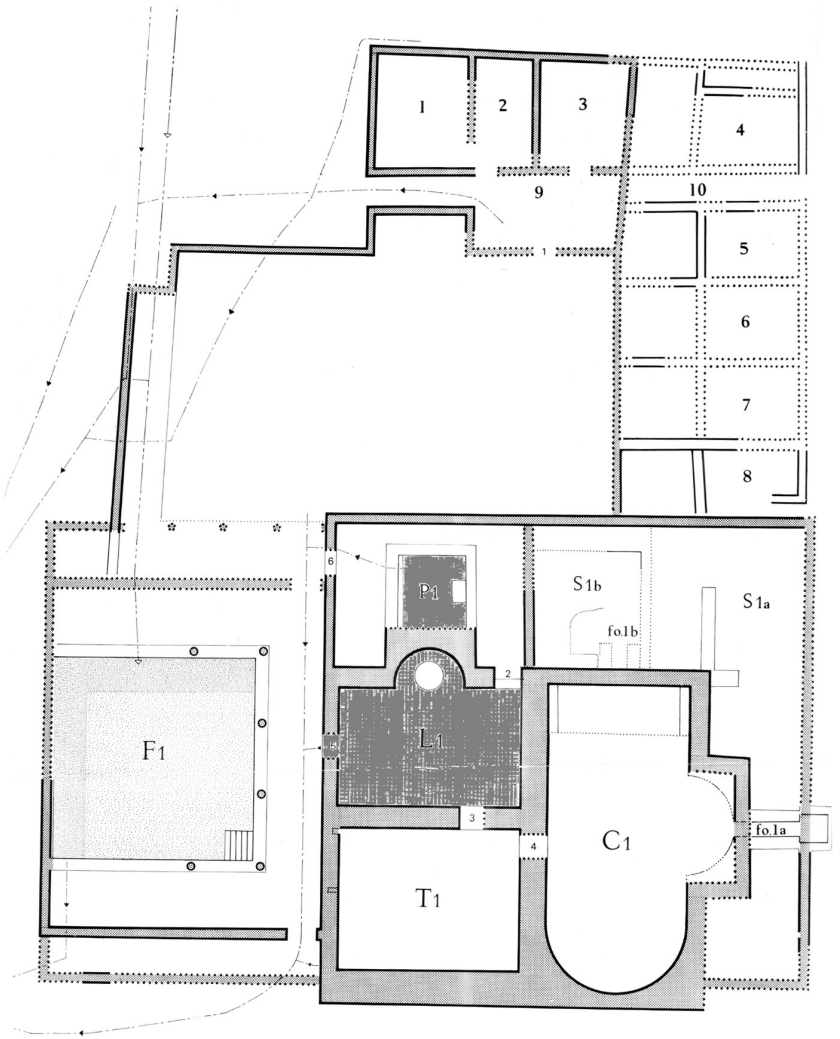
1. Os participantes na Reunião Nacional Preparatória do X Colóquio Internacional / AIEMA, realizada em Conimbriga, a 3 e 4 de Outubro de 2003, congratularam-se com a oportunidade desta reunião, num local neste âmbito tão emblemático como Conimbriga, na medida em que proporcionou uma reflexão sobre duas vertentes fundamentais: o balanço da actividade desenvolvida pelas instituições de gestão (Instituto Português de Museus, Instituto Português de Arqueologia, Instituto Português do Património Arquitectónico) e pelas universidades, assim como sobre os projectos em curso. A partir daí se apontaram, desde já, linhas de actuação futura, não só com vista ao Colóquio mas também com vista ao relançamento (se assim se pode falar) do ensino, do estudo e da conservação dos mosaicos romanos em que o território português, afinal, se revela fértil.

2. A criação de uma estrutura nacional, cujo objectivo seria o de acolher, organizar e orientar as acções e os projectos individuais e institucionais afigura-se igualmente como medida fomentadora desse relançamento que se preconiza.

3. Ficou amplamente demonstrada a importância dos mosaicos romanos como fonte histórica ímpar e multifacetada. Urge, pois, que as universidades lhes prestem redobrada atenção, na certeza de que, desta forma, também será mais fácil motivar entidades públicas e privadas a proporcionarem os meios financeiros necessários à valorização do património musivo e à publicação dos meritórios trabalhos já feitos ou em fase de conclusão.

4. Formula-se o voto de que os preparativos do X Colóquio Internacional AIEMA decorram de modo eficaz e rapidamente sejam encontrados recursos – humanos e financeiros – para a prossecução da publicação do *corpus* dos mosaicos de Portugal.

5. Finalmente, estando prevista para Faro, em Setembro de 2004, a realização do IV Congresso Peninsular de Arqueologia, propõe-se que nele seja incluída uma sessão dedicada aos mosaicos romanos, como forma de preparação mais imediata para o Colóquio de 2005.



*Mosaicos in situ das Termas do Sul (P1 e L1) – fase augustana  
(in Fouilles, Est. I\*\* XXI, adaptada)*



FOTO 1 e 2 – Fragmentos de mosaico das Termas do Sul – fase augustana (dim. 15x14 cm) e (dim. 14x13 cm) (Foto H. Rendeiro, arquivo MMC)



FOTO 3 – Mosaico da sala 12 da villa de Quinta das Longas (Foto D. Pavone/PEVLONG)



FOTO 4 – Abside da sala 5 da villa de Quinta das Longas  
(Foto D. Pavone/PEVLONG)



FOTO 5 – Pavimento em opus signinum da Praça da República, Beja  
(Foto A. Pinto, Crivarq, Lda)



FOTO 6 – Medalhão do peristilo da villa de Rio Maior  
(Foto D. Pavone)



FOTO 7 – Medalhão da sala da villa de Santiago da Guarda  
(Foto Câmara Municipal de Ansião)

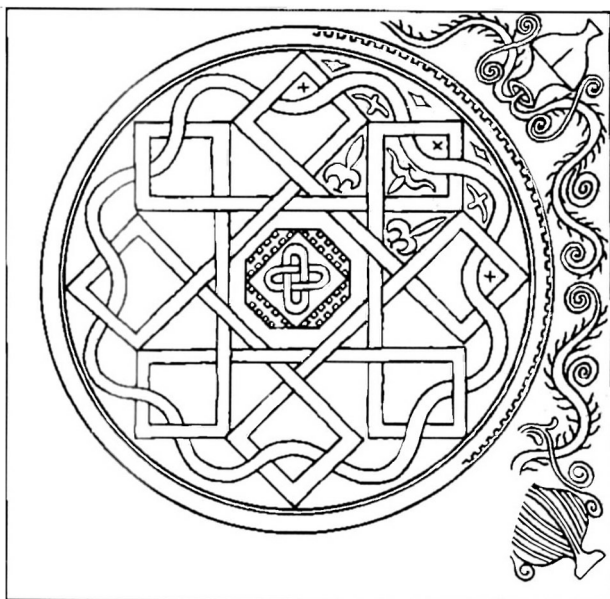


FIG. 1 – *Desenho do medalhão da sala V da villa do Rabaçal*  
(in Pessoa, 1998, Fig. 14, pormenor)

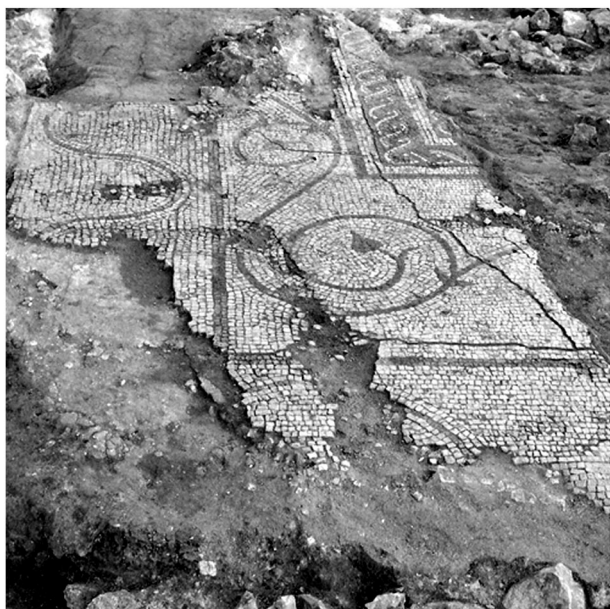


FOTO 8 – *Mosaico da Encosta da Marina, Lagos*  
(Foto C. Oliveira)